

O Processo [*The Trial*] (1962) de Orson Welles
CINE CLUBE, 3 de Maio 2016
BIBLIOTECA, FCT/UNL

Em torno do filme *O Processo*: “Mais nada aí é evocável, mas tudo é alucinatório. Personagens fixas e estátua velada. Há a região das mulheres, há a região dos livros, a da infância e das meninas, a da arte, a da religião. O presente já não é senão uma porta vazia a partir de que já se pode evocar o passado, visto que este já saiu enquanto se esperava. Cada região do passado será explorada, nestes longos planos de que Welles tem o segredo (...). Mas as regiões do passado já não entregam lembranças, entregam presenças alucinatórias; as mulheres, os livros, as meninas, a homossexualidade, os quadros. (...) O sucesso de Welles em função de Kafka é ter sabido mostrar como as regiões espacialmente distantes e cronologicamente distintas comunicam entre elas, no fundo de um tempo ilimitado que as tornava contíguas: é para isso que serve a profundidade de campo, os compartimentos mais afastados comunicam directamente com o fundo. Mas qual é este fundo comum a todas as toalhas, de onde é que elas saem e onde é que elas caem ao quebrar-se? O que é esta justiça superior, de que todas as regiões são apenas o auxiliar? (...) Não é um elemento transcendente, mas uma justiça imanente, a terra, e a sua ordem não-cronológica enquanto cada um de nós nasce directamente dela e não de pais: autoctonia. É nela que morremos e expiamos o nosso nascimento. Em Welles, em geral morre-se de braços, o corpo já no chão, e arrastando-se, rastejando Todos os estratos existentes comunicam e justapõem-se num meio vital lamacento”. (Gilles Deleuze, *A imagem-tempo, Cinema 2*, trad. Rafael Godinho, Lisboa: Assírio & Alvim, [1985] 2006, pp. 150-151.)

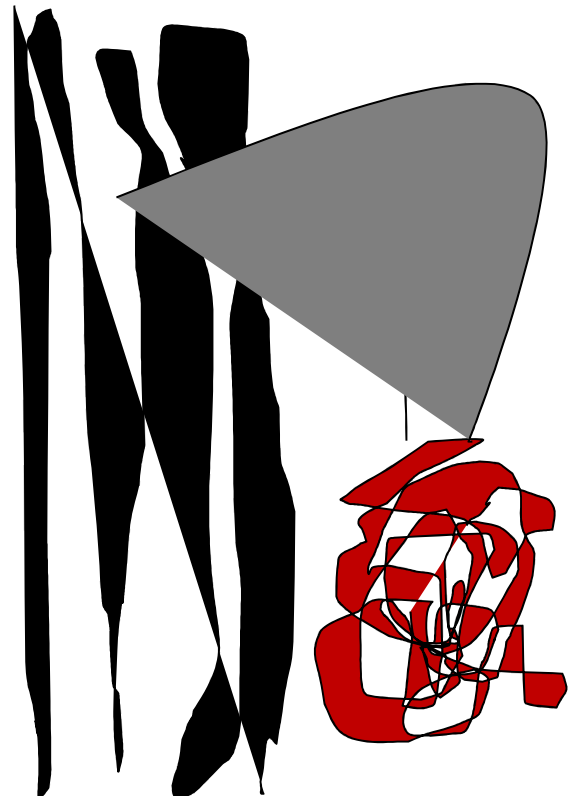
“O meu conhecido tombou; quando o examinei, descobri que estava gravemente ferido no joelho. Visto já não ser de qualquer préstimo à minha pessoa, abandonei-o sobre as pedras, sem grandes remorsos, e assobiei a alguns abutres que, de modo obediente e com bicos sérios, se colocaram à sua volta a guardá-lo”. (Franz Kafka, “Diversões ou a prova de que é impossível viver, (i) Uma cavalgada”, in *Descrição de uma luta*, trad. Isabel Risques e Ana Sofia Nobre, Carcavelos, PT: Coisas de Ler, 2004, p. 29.)

“And the story is all about people waiting, waiting, waiting for their papers to be filled. It is full of the hopelessness of the struggle against bureaucracy. Waiting for a paper to be filled is like waiting for a train, and it’s also a place of refugees. People were sent to Nazi prisons from there, Algerians were gathered there, so it’s a place of great sorrow.”(Entrevista a Orson Welles, BBC, 1962, com Huw Wheldon.)

“In an autobiography one cannot avoid writing ‘often’ where truth would require that ‘once’ be written. For one always remains conscious that the word ‘once’ explodes that darkness on which the memory draws; and though it is not altogether spared by the word ‘often,’ either, it is at least preserved in the opinion of the writer, and he is carried across parts which perhaps never existed at all in his life but served him as a substitute for those which his memory can no longer even guess at.” (p. 212)

“When I lay on the sofa the loud talking in the room on either side of me, by the women on the left, by the men on the right, gave me the impression that they were coarse savage beings who could not be appeased, who did not what they were saying and spoke only in order to set the air in motion, who lifted their faces while speaking and followed the spoken words with their eyes.” (pp. 221-222)

(Franz Kafka, *The Diaries of Franz Kafka, 1910-1913*, ed. Max Brod, trad. Joseph Kresh, Nova Iorque. Schocken Books, 1949



“Os processos de Kafka/os espaços de Welles: três momentos do humano sob coação”

Christopher Damien Aurretta

PRIMEIRO MOMENTO: “A escrita de Kafka constrói uma prosa, portanto, de uma meticulosa, estudada ininteligibilidade; uma escrita que segue outras leis gravíticas. Narra, por assim dizer, à revelia da narratividade. Liberta uma luz negativa que não elucida nem sossega. Esta luz negativa constitui, afinal de contas, a única epifania possível. O momento epifânico faz com que a palavra se torne vector de uma tautologia de quase oracular imutabilidade, que tão-só a sua tradução na mecânica dos dias e no quotidiano das personagens impede de silenciar toda a expressão, i.e., impor um estado para lá de toda a linguagem. A tautologia é esta: $((S \rightarrow E) \wedge (E \rightarrow \neg S)) \rightarrow (S \rightarrow \neg S)$, i.e., se Ser implica Escrever e Escrever implica não-Ser, então Ser implica não-Ser. Com “K”, ficamos com a arte da palavra desfamiliar, a evocação da cidade de monstros intempestivos, uma prosa que é a transcrição estenográfica do nada: o nada que antecede e abrange esse insólito fenómeno, ou acidente, que se chama vida, vida que os corpos somatizam e a mente expia”. (Christopher Damien Aurretta, *Cem dias à sombra da Torre de Babel, Novas Crónicas pedagógicas*, Colibri, 2016, p. 147.)

TERCEIRO MOMENTO: “*O acto de escrever não comporta consolo*. Assim entendido, a cinética da escrita kafkiana não avança no sentido de uma crescente elucidação narrativa ou de um desenlace culminante esclarecedor: não há, no fundo, nenhuma transformação ou metamorfose ulterior em termos de uma catarse cognitiva determinante. Resta, sim, essa estranha condição (ou talvez sentença) – imerecida e injusta – de ter nascido escritor”. (Christopher Damien Aurretta, *Cem dias à sombra da Torre de Babel, Novas Crónicas pedagógicas*, Colibri, 2016, p. 146.)

SEGUNDO MOMENTO: *Entre a linguagem desumana e a linguagem inumana: diferenças e semelhanças*

“Uma **diferença:** o *desumano* exige a presença de um «eu» e de um «tu» (se bem que o primeiro seja carrasco e o segundo o *site* de uma violência sacralizada por parte de uma ordem política e social) ao passo que, no registo do *inumano*, o «eu» e o «tu», revelam, no *agon* social, não só um sujeito sob coação por outro sujeito, mas, antes, todos os sujeitos sob rasura na Engrenagem total que elimina o humano da história do ser. Uma **semelhança:** quer o *desumano*, quer o *inumano* aliena a vida da vida. Juntos reduzem a memória do mundo a um gaguejar; instrumentalizam o ser ao serviço de uma historicidade sem auto-consciência, sem capacidade auto-reflexiva e sem intervenção no evento vertiginoso do ser”.

Alguma bibliografia digital em torno do autor Franz Kafka (1883-1924):

- André Bazin, *Orson Welles: A Critical View*, Los Angeles, Acrobat Books, first published 1950, reprint 1991
- Penelope Houston, “Orson Welles” in Richard Roud (ed.), *Cinema: A Critical Dictionary*, New York, Viking Press, USA, 1980, pp. 1055-1068
- James Naremore, *The Magic World of Orson Welles*, Dallas, Southern Methodist University Press, USA, 1989
- Jonathan Rosenbaum, “Orson Welles’s Essay Films and Documentary Fictions: A Two-Part Speculation” in *Placing Movies*, Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press, 1995
- Jonathan Rosenbaum, “*Othello* Goes Hollywood” in *Placing Movies*, Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press, 1995
- Jonathan Rosenbaum, “The Seven Arkadins” in *Movies as Politics*, Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press, 1995
- Orson Welles and Peter Bogdanovich; Jonathan Rosenbaum (ed.), *This is Orson Welles*, New York, Da Capo Press, 1998

Portais em torno do realizador Orson Welles (1915-1985):

- <http://sensesofcinema.com/2003/great-directors/welles/>
- <http://sensesofcinema.com/2008/the-new-wave-remembered-focus-on-charles-bitsch/orson-welles-bazin-bitsch/>
- https://en.wikipedia.org/wiki/Orson_Welles
- <http://www.imdb.com/name/nm0000080/>
- <http://www.wellesnet.com/>
- <https://www.youtube.com/watch?v=6dAGcorF1Vo>

Portais em torno do filme *O Processo* (1963):

- [https://en.wikipedia.org/wiki/The_Trial_\(1962_film\)](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Trial_(1962_film))
- <http://www.wellesnet.com/trial%20bbc%20interview.htm>
- <http://thequietus.com/articles/10132-the-trial-orson-welles-50-years-on>
- <http://www.philfilms.utm.edu/1/trial.htm>